ANO 2.º — OVAR, 11 de Setembro de 1921 — NUMERO 46

A DEFEZA

ORGÃO DO PARTIDO REPUBLICANO LIBERAL

DIRECTOR — **Antonio Valente de Almeida** — EDITOR E ADMINISTRADOR — **Antonio Ferreira Coelho**

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — RUA JOÃO DE DEUS, 15

ASSINATURA
Em Ovar (vila), semestre . . . . . 75 cent.
Para fora da vila e continente, semestre 80 »
Possessões port. e países estrang. sem. 7$50 esc.
Avulso . . . . . **10** cent.

PROPRIEDADE DA EMPREZA

Composto e impresso na IMPRENSA PATRIA — Rua Antero do Quental, 36 — OVAR

ANUNCIOS
Primeira publicação, $10 centavos a linha.
Repetições, idem.
Permanentes, contracto especial.

NOTAS DA QUINZENA

Automoveis do Estado

O ministerio Barros Queiroz, apesar da solida honestidade burguesa do seu chefe, não conseguiu extinguir o abuso, mais que nenhum revoltante, de servirem os automoveis do Estado para quanto serviço particular apraz ao capricho de militares e civis que os gosam sem encargo algum, e a essa vergonha se referiu, numa sessão parlamentar dos ultimos dias, em severos e justos termos o sr. Antonio Luiz Gomes.

O novo ministro das finanças sr. Vicente Ferreira, que tem fama de homem energico e severo administrador, deve acabar com semelhante vergonha sem contemplações e sem hesitações, quer a sua resolução fira a afilhados politicos, quer recaia justiceira e firme sobre potentados de espada ou beca. Ainda que contasse o orçamento do estado *superavits* de maior bojo que o lastro enorme do *deficit*, quanto mais na triste miseria em que tudo anda.

Fora com desperdicios criminosos, e já!

Semeando ventos...

Analisando a situação politica o deputado Cunha Leal, com a fogosidade de que ganhou a primazia indiscutida, perorando do Parlamento para o país anunciou a falencia governativa do partido liberal e ameaçou de subverter-se, com esse partido, o cidadão ilustre, a todos os titulos, que é o chefe do Estado.

A falencia como governo do partido liberal não é, por enquanto, mais do que uma aspiração desse sr. deputado, o arrastar a sua queda a do primeiro magistrado da Nação não é, simplesmente, senão um trovão jupiteriano absolutamente falho de senso.

Ninguem pode acusar o sr. Presidente da Republica de parcialidade politica sem cometer uma injuriosa, violenta e feia injustiça, premio de uma nobre e abnegada existencia ao serviço simples e extreme do ideal politico de que é a expressão positiva mais altamente colocada, que, felizmente, não é o que lhe dão os seus concidadãos de todos os credos.

O sr. Cunha Leal continua a semear ventos, que é a sua arte perdilecta.

Brandura de costumes

Teem os portugueses fama de alegres «les portugais sout toujours gais» como diz a cançoneta, e no fundo, como celtiberos, são gente contemplativa pouco propensa a alegria no trato ordinario da vida.

Teem fama, tambem, de viverem numa brandura de costumes meio parecida com a de Adão e Eva no paraíso e, muitas vezes, a realidade cruel compraz-se com desmentidos a esta grata expressão comum.

Quasi ao mesmo tempo, um dia destes, em Vila Real, numa rixa assassina-se um dos contendores que, já depois de morto, é apedrejado pelo assassino e em Bragança, por uma ninharia, um soldado despeja os tiros de um revolver sobre a amazia que prostou por morta.

Brandura de costumes!

Feras humanas, é que é, em Portugal como em toda a parte.

Contribuições

Aprovou o Parlamento numa das suas ultimas sessões as novas taxas sobre as contribuições directas, como já havia aprovado antes as sobretaxas ao imposto de selo.

Temos que pagar mais, todos os que pagamos sem recebermos compensações que nos façam entrar no bolso esquerdo o que pelo direito tem de saír, e se o Estado pode alegar que esse dinheiro lhe é preciso não nos pode capacitar de que nol-o leva com justiça.

Os serviços publicos que nos dá, pelo preço carissimo porque os pagamos, são o que ha de mais ordinario, resalvada alguma excepção como a dos serviços de justiça, quando os dá, o que é raro.

Mas é pagar, pagar e cresça o monte sem intermitencia.

Se assim fosse a poupar...

Nuvem por Juno

«O Democrata» de Aveiro, sr. dr. Pedro Chaves, tomou a nuvem por Juno. Ele bem sabe que a «Patria» do sr. Nunes Branco e Antonio Valente nunca foi franquista, nem com franquistas teve entendimentos, nem mesmo dos de... conserva. Mas a companhia em que ela se meteu é que deu motivo ao equivoco.

O sr. dr. Pedro Chaves bem podia ter explicado á gazeta aveirense o caso nas horas gloriosas da sua heroica permanencia (o seguro morreu de velho) na terra dos ovos moles, á data da entrada das tropas monarquicas em Ovar. E assim já o jornal teria visto sem se enganar quem é que tem estomago de... giboia, e evitar-se-ia uma *gafe*.

De resto, se o sr. Arnaldo Ribeiro não viu á meza do almoço dado em Aveiro ao sr. conselheiro João Franco, o sr. dr. Pedro Chaves, isso nada prova: não podemos concluir, nem nos repugna acreditar, que o não visse na cosinha. Sim, como se tratava de comer...

Fabrica de Cortumes
OVAR
Curte toda a qualidade de peles de animais, tais como:
Raposa, coelho, cabra, lontra, texugo, carneiro, vitela, etc.
Compra qualquer quantidade destas e outras peles

GOVERNO A MEZES.

Com a queda do governo Barros Queiroz e a ascensão ás cadeiras do poder do ministerio presidido pelo sr. Antonio Granjo, conta a Republica 31 ministerios ou governos. Em onze anos de vida.

Isto explica muita coisa ou melhor, isto com quanto não sirva de absolvição a erros e desvarios a esmo, prova a impossibilidade de se chegar a situação diversa daquela em que nos debatemos.

Um paiz, e mórmente um paiz em que havia a herança tremenda legada pela monarquia, não se governa, não se póde governar assim. Precipita-se, sim, a passos certos no abismo onde se subvertem nacionalidade e futuro, sem que pulso nenhum lhe acuda, como tem sucedido, como está sucedendo.

Porque caiu o governo chefiado pelo sr. Barros Queiroz, politico de largas responsabilidades pelo seu passado e pela sua acção na tribuna das conferencias pouco tempo antes, e muito pouco, da sua ascensão ao poder?

Caiu por uma futilidade?

Vivia — ou devia viver — pelo seu programa de governo exposto á nação anteriormente ao acto eleitoral e que a nação não repudiou dando-lhe, como lhe deu, maioria de deputados e senadores suficiente para o pôr em pratica.

Podia abandonar o poder por lhe faltar essa condição de governo, o que se não deu; podia ainda cair por impossibilidade de fazer executar os seus propositos economicos e administrativos, o que egualmente se não chegou a dar, porque nenhuma das providencias que apresentou á sanção do poder legislativo chegou a merecer a sua rejeição.

Só por qualquer destas circunstancias podia abandonar o poder, abandonou-o, justamente, não se tendo dado nenhuma delas!

Caiu por qualquer futilidade, por qualquer casca de laranja, como se costuma dizer, ao certo não se sabe bem porquê, visto que a explicação que da crise deu ao paiz o sr. Barros Queiroz é uma explicação de meias palavras, suficientemente ambiguas para não dizerem nada de claro.

Não foi, consequentemente, ainda a solução:—foi um compasso de espera, e quando o estado aflitivo do paiz o não admitia.

Recebe-lhe a herança do poder o sr. Antonio Granjo.

Por muito tempo?

Não é sciencia complicada o fazer de profeta numa interrogação desta natureza: — em noventa e nove probabilidades de cem governará o sr. Antonio Granjo umas semanas, quando muito uns mezes. E nestas condições claro é não governará, fará uma interinidade tão completamente inutil como as que se contam á sua esquerda.

O novo ministerio tem componentes de valor: — o chefe do governo, os ministros da guerra e das finanças, mas move-se num meio que é a instabilidade pura, como todos já a conhecem, e assim a sua fortuna, só por muito problematica sorte, será diferente da que tiveram os outros governos que o antecederam.

E assim não se governa.

Assim não se resolvem as dificuldades que umas sobre outras se acastelam cada vez mais negras, cada vez mais presagas de temporal desfeito, porque todas as soluções em aberto só podem ter resolução desde que haja continuidade governativa, a condição indispensavel primacialmente.

Todos os partidos republicanos teem responsabilidades neste mal que tudo mina e alue, parece que a todos os dementa um inexoravel destino que os não deixa vêr que estão cavando a sua ruina, a ruina da Republica, e tornando de dia para dia cada vez mais improvavel a persistencia e perduração da patria comum.

Ao correr do pêlo

Continua «A Patria» a ocupar-se de nós pelos processos e pela forma familiares e de predilecção do seu oculto orientador que, no genero, é inconfundivel, ao mesmo tempo que imagina sacudir do capote o aguaceiro.

Com quatro pontos de admiração, não o faz por menos, acusa-nos de recuar no incidente provocado por uma nota da *Defeza* relativa ao gazetilheiro.

Não se recuou nem deixou de se recuar na *Defeza* o que se disse foi que, quaisquer que fossem as semelhanças, ninguem tinha o direito de se considerar o atingido senão depois de nesta redacção ser confirmada, por quem nas condições de o fazer, a veracidade ou transparencia da alusão.

Só assim é que havia o direito *de saber* e, consequentemente, dar publicidade a desmentidos: — foi, é sempre assim em toda a parte, e tudo o mais é léria.

*

Sabemos agora, pela «A Patria» o dizer, que lhe põem fama de extremista.

E' natural, porque de ex-

tremismo como o de «A Patria» está cheia, infelizmente, a historia de todas as revoluções. Extremismo como o de «A Patria» houve bastante no tempo agitado da Convenção e do Terror; houve-o em barda, em Portugal, depois do cinco de Outubro; ha-o na Russia maximalista de hoje.

E' um extremismo que faz os extremistas como o sr. dr. Chaves fazerem votar ou concorrerem para a votação de leis como duas da autoria deste senhor senador, aprovadas na ultima legislatura:—uma modificando a legislação sobre remissão de foros num sentido acentuadamante favoravel a um pleito de remissão de fôro que trazia nos tribunais; outra impondo ás Camaras Municipais o pagamento das despezas do expediente das repartições do registo civil; compensação em que as Camaras perdem e lucram os oficiais do registo civil, porque o encargo com o expediente é muito maior que o lucro pela percentagem de emolumentos.

Deve ser desta especie de extremismo o que se nota na «Patria»:—é o extremismo que tem desacreditado e levado á falencia os pensamentos revolucionarios mais puros, ludibriada a ingenuidade do sonho pela pressa e facilidade com que se torna o poder em monopolio de interesses.

*

Diz «A Patria» que o director da *Defeza* viu da sua janela a entrada das forças monarquicas.

Não vale a pena dizer-lhe que lhe deram informe falso—o que é facto é que o director da *Defeza* não saiu de Ovar e não se escondeu.

Não fugiu.

Fugiu o sr. dr. Chaves que abandonou em Ovar correligionarios e amigos politicos desvalidos do seu auxilio, da sua solidariedade efectiva, e abandonou ao inimigo o seu logar de funcionario do estado republicano, em que tinha o dever de ficar *viesse o que viesse*.

O sr. dr. Chaves chefe dum forte partido republicano, o unico então organisado para a reação republicana, e funcionario da Republica de categoria, não tinha o direito de fugir e tinha a obrigação indeclinavel de ficar.

O seu logar era aqui, reanimando os seus amigos e organisando a resistencia; o seu logar era no registo civil que lhe foi confiado não sómente pelos interesses que rende mas, mais do que eles, pela representação da Republica a que corresponde.

Essa firmeza no posto far-lhe-ia correr riscos consideraveis, é provavel, mas assim dava um testemunho evidente de inteireza de convicções e de robustez de fé nos principios politicos a que prendia a fortuna.

Não o fez.

Podia resgatar até certo ponto a sua falta se, saindo de Ovar, corresse á linha de fogo a defender com o seu peito a Republica:—tambem o não fez, porque o tempo que esteve homisiado de Ovar o passou descançadamente em Aveiro por sob a arcada.

*

Com o titulo de «Toma fôlego», publica «A Patria» uma local genero *leitura só para homens* que o é, apenas, pelo pornografismo grosseiro.

E' a segunda no genero.

Mutilando uma frase da *Defeza* sái-se com o dichote imundo e estupido que lá traz, seguido de trez pontos de admiração — expressão literaria muito da simpatia da casa.

Não sabemos se o autor da local tem um lar e crianças; a esse meio inocente, se o tem, tem do vedar cuidadosamente a entrada da folha em que escreve.

Para se livrar de colicas e de apertos, quando lhe pedirem, com a curiosidade terrivel da inocencia, a explicação do que quiz dizer.

E é agora a vez de lhe dizermos nós que penso bem no que escreve...

--Palestra--

—Não ha negar, meu amigo: aquilo tem chiste. O tipo é esperto!...

—Homem! Não contesto a *esperteza* do sujeito. Para a demonstrar basta ter olhos. O que está á vista é axiomatico. Mas a tal entrevista sobre melhoramentos não passa de uma *blague* barata...

—*Blague* barata?!

—Sim; porque, sendo o tipo um *blaguer*, tem-no-las pregado bem caras.

—Não percebo...

—Eu te explico um dia. E' uma *blague* barata porque não nos custam um milavo, e sem piléria nenhuma, porque...

—Alto! Não concordo. Então tu, deveras, não encontraste nada que te fizesse rir naquelas duas (deve dar duas colunas a toda a altura do jornal), naquelas duas colunas de prosa?!

—Não!... Só te queres referir á «pacatez da *nossa Ovar*». Na verdade Ovar não é a Coitada, não deve ser a Coitada. Mas infelizmente... O que, porem, a mim muito me admira é que isto te dê para rir!...

—Deixa lá! Ele teve a audacia de fazer mão baixa de tudo quanto na mão lhe poude caber e diz-se senhor disto com uma cara que não pode deixar de dar riso. A *nossa Ovar!*... Bem lembrada. Ah! ah! ah. Mas ha mais. A entrevista é uma... entrelinha «em fim e tem de fio a pavio um piadão.

—Já vejo que estás hoje capaz de achar graça a uma cabaça.

—Lê, lê e mastiga como eu, não leias por alto e verás a superior e subtil ironia do impagavel tipo. «*Eu gosto mais de obras que de palavras*». Isto vale quanto pesa! Isto é divino e faz-me andar a tombos. Ah!-ah! ah!

—Tens razão. Lá isso tens! Lembro-me perfeitamente. Enquanto que todos nós andava-mos para aí, logo desde os primeiros dias entretidos com festas e a cantar *o reu, reu, reu! a menina vai pr'o ceu!* ele ia muito á sua vontade lançando... o arpeu...

—Rima e é verdade. Ai não! Palavras são vento. Obras! Obras! Ah! ah! ah! Deixa-me agora rir da cara do tipo.

—Da cara?

—Sim, com que êle ficou, quando, cheio de entusiasmo, correu á camara a ver se lá havia *obra*, ao falarmos nos passeios. Ah! ah! ah! Foi, cheirou e... não achou nada. Marcha então furioso pr'a sessão imediata e, encolerisado, troveja que queria mais *obra*, que era inadiavel a dos passeios da estrada do Furadouro. Oh! que piléria eu achei á *historia!* Ri de vontade!

—Não; perdoa que t'o diga, isso já, é rir de mais. Tu não estás bom do miôlo. Que graça tem isso?

—Tambem te passou esta? O' meu pobre amigo! Matias está tu, com certeza! Pois aqui é que encontro *sal* para rir quinze dias pegados. Ah! ah! ah!

—Por ele barafustar que queria já os passeios?!

—Sim! Ah! ah! ah! Não percebes nada! E' que ele quere por força ser cantoneiro. E o pretexto é excelente! Ah! ah! ah!

—E' verdade! Tens razão! A celebre mania antiga!... Agora estou percebendo tudo! Tu és o diabo não és homem!

—Nada! Vocês não sabem ler a «Patria» e é pena, porque perdem uma mina de riso. Aquilo nunca finda. Começa no artigo de fundo, atravessa a secção do das sindicancias, os modernos e antigos Telos e vai até aos anuncios. Quinta-feira sem esse desopilante, já nem é quinta para mim.

—Acredito. Precisava dos teus comentarios aí trez vezes; ao quarto n.º já a leitura desse diabrete seria um figo para mim. Até agora a gazeta tem sido para mim uma coisa sorna, sensaborona.

—Puro engano! Aquilo é superior ao *Charivari* e ao *Pimpão*. Mas vamos ao resto.

—Resto?! Ainda ha mais?...

—Aquilo é um ovo de... cócegas. E' de a gente gritar entre frouxos de gargalhada: cala a boca...

—E' o que eu digo! Nada te escapa. Descobres mosquitos na lua!

—Mosquitos?! Não; esta agora é do bojo de um camelo. Engula-a quem quizer; eu não. Mas com que cara o tipo nos vem vender o peixe!

—?

—Refiro-me aquela parte em que ele fingindo que ri da ideia dos passeios diz: é «*preciso compôr primeiro a estrada que está muito deteriorada*» e dotar o concelho de outros melhoramentos, para depois...

—E isso que piléria tem?

—Pois não vês? E' preciso compor primeiro a estrada. Claro: a ideia dos passeios sorriu-lhe. Estás a ver!

Sendo a estrada do Furadouro obra do dr. Arala, é digna só por isso, de ser convertida num *bijou*, numa avenida de primeira ordem! Entendes?

—Decididamente! Ele tem efectivamente a mania de conservar e melhorar tudo o que nos veio do Arala. Tens razão. O tipo é um maniaco de... topete.

—Lembras-te do Alcino?

—Ora...

—Vês agora o gazetilheiro?

—Sim... E depois?

—Dá lhe guarida, apesar de o odiar como um mau caracter que é, um *mágico*.

—Presa o trabalho, detestando o rabiscador manhoso.

—Sim e tambem porque ainda é... protegido do Arala! Não sabias?...

—E' facto, é facto.

—E eu então que percebo toda esta musica, sinto umas cócegas ao lê-los, que não calculas!... Estes demonios teem tanta piléria que é de a gente se ir do mundo com riso.

«A OPINIÃO»

Agradecemos a este presado colega, semanario independente de Oliveira de Azemeis, a transcrição do artigo «A carestia da vida», da autoria do nosso ilustre director.

Agradecimento

Sofia Vaz de Castro Vidal e seus filhos, sentem-se profundamente penhorados pela homenagem prestada a seu muito amado marido e pai, a quando das suas exequias realisadas no dia 19 de Agosto—e rogam a todos que a elas assistiram e aos que tiveram palavras escritas de saudade pela memoria do querido extinto, que aceitem as suas mais gratas provas de amisade e perduravel gratidão.

Ovar, 8 de Setembro de 1921.

Sofia Vaz de Castro Vidal.
Manuel Fortunato Vaz de Castro Sequeira Vidal.
José Vaz de Castro Sequeira Vidal.

Um alho

O sr. dr. Pedro Chaves jornalista, faz da sua pena, caçadeira de atirar... aos lavancos. E como se imagina quando escreve para a gazeta, em plena ilha de S. Roque ou nas pateiras da Moita, ao passo que atira, vai contando a sua graçola pesada, o que converte a «Patria» numa especie de leitura... clandestina.

Cultiva nas suas lérias impressas o desporto da chalaça alvar, o do equívico grosseiro e não prende ensejo, de os fazer tambem com a prosa dos outros. Mais relego e mais respeito, sr. bacharel, porque não estamos em sala de alcouce.

Olhe por onde traz arrastada a pobresinha da luva branca!

O sr. é um alho!

O NOVO MINISTERIO

Acaba de se formar sob a presidencia do ilustre cidadão sr. dr. Antonio Granjo. S. ex.ª encontrou no partido liberal o mesmo apoio que este dera ao governo do nosso eminente correligionario sr. Barros Queiroz.

Apresentando ao novo governo os nossos amistosos cumprimentos, fazemos ardentes votos para que a alta missão de que o incumbira o venerando chefe do Estado, traga para a nossa Patria dias mais venturosos.

E' a seguinte, a sua constituição:

Presidencia e Interior—dr. Antonio Granjo.
Justiça—Lelo Portela.
Guerra—Freitas Soares.
Finanças—Vicente Ferreira.
Instrução—Ginestal Machado.
Marinha—Pais Gomes.
Comercio—Fernandes da Costa.
Colonias—Ferreira da Rocha.
Agricultura—Alboim Inglez.
Estrangeiros—Melo Barreto.
Trabalho—Lima Duque.

AUTOMOVEL "FORD,,
ESTADO NOVO :: VENDE-SE
Para tratar Serralheria de Martins & Silva
: : : : OVAR : : : :

Folhas de um diário

.....

3 de Setembro

«No acalentar de um sonho, no embalar de um coração em devaneios que nos povôam o espirito de visões douradas, vai muita vez toda a alegria, a felicidade inteira de uma alma.»

.....

4 de Setembro

«Um olhar que nos prende, um sorriso que nos acorrenta são o prelúdio de uma canção de amor, a alvorada de um encanto desconhecido que para uma alma desperta.

Mas se a alvorada ao despontar se empana, se a canção termina numa agonia, então a felicidade dessa alma—sol que só já no acaso rompeu as nuvens, dilue-se num momento.

Como é dolorosa então a agonia do viver!...»

.....

5 de Setembro

«Nesta kermesse da vida, tão louca, tão desordenada, onde as almas se vendem e as consciencias se compram, onde raro se comunga a verdade, porque só á mentira se entregam os corações; neste incendio de desesperos e de vaidades, onde a labareda das ambições desvairadas, satanicas, envolve sempre a chama de algum raro espirito,—alimentar ilusões é caminhar para a agonia, sonhar em felicidade é escutar o casquinar da Morte.

Sentimentos nobres? para quê, se as almas se não compreendem?

Para que ser sincero se em todas as palavras se pretende ouvir o éco da mentira, a voz da lisonja?»

.....

6 de Setembro

«Afaga-se uma quimera, acalenta-se uma ilusão durante dias; visões radiosas, sonhos explendorosos, perpassam pela nossa imaginação; e num minuto todo o encanto desaparece, toda a ilusão se desfaz!...

Pobre alma, o que ela sofre então!

O diluir da nossa quimera é assim por vezes o despedaçar de um coração.

.....

Mas se afinal toda a ilusão é falaz, se em todo o sonho só o engano existe, pois um coração quando sonha é um cego perdido no mistério das trevas, para que havemos de dar guarida ao que nada tem de real?»

.....

9 de Setembro

«Olhos que me encantasteis, sorriso que fizeste despertar o meu coração, se este encanto, se este despertar não passam de uma ilusão, deixar-me em paz, não alimenteis mais o sonho em que ainda vivo.

Como sôbre as fragas despidas dos montes vôa livre o condôr, deixae-me livremente viver.

Deixae a gôndola da minha

vida vogar neste mar do acaso; talvez que o destino a leve a sossobrar nalgum escolho, e á minha alma incompreendida tambem talvez seja mais propicia a paz de um tumulo, que a ilusão de um sonho.»

.....

10 de Setembro

«Os lamentos do mar quem os entende? Os seus suspiros quem lhos colhe? Escuta-o a areia; cobre-o de caricias o luar!

E a voz do meu coração encontrará éco no peito de Ela? O seu olhar diz-me que sim; os seus labios afirmam me que não!...

E' bem mais misterioso ainda que o proprio Oceano o coração de uma mulher!»

.....

CARTA

«Meu presado amigo:

A carta inclusa destinára-a eu ao ultimo n.º da «Patria», desta vila que, afinal, a não publicou na integra, alegando não ir em termos e prestar-me até com o córte não sei que favor que me não recordo de ter-lhe solicitado e que por isso me não incumbe agradecer-lhe. Como, porêm, de forma nenhuma devo consentir que haja quem me suponha capaz de ser incorrecto seja com quem fôr, até mesmo com aqueles que comigo não usam de correção, e desejo que a verdade vá com a sua luz e justa reprovação até onde chegou a mentira, venho pedir-te a fineza de lhe dares publicidade no proximo n.º do teu jornal. E' a primeira e derradeira vez que sobre a materia te importuno; não ha necessidade de desperdiçar mais tempo, o publico já se decidira entre a minha narração coberta com a responsabilidade do meu nome e a inqualificavel deturpação, agora documentada, dos factos que a «Patria», não sei com que interesse, se permite fazer-lhes por detraz dum informador anonimo, especie de diz-se irresponsavel e comodo.

Agradecendo, dispõe sempre do limitado prestimo do teu dedicado amigo

T/C—Ovar, 9/9/21.

J. B. Nunes da Silva.»

P. S. — Depois de escrita esta carta, recebi os documentos que junto sem mais comentarios, pedindo as insiras a seguir.

Nunes da Silva.

«Ex.mo Snr. Sr. Redactor de «A Patria»:

Peço a fineza de inserir no proximo numero do seu jornal a presente rectificação. E' me devida e ter-se-ia evitado se V. Ex.ª havendo um poucochinho de respeito por coisas tão sagradas como o nome e a dôr alheia, se desse ao cuidado de tratar do caso com menos levesa e mais dignidade (é indicio de que se possue o supô-lo nos outros) preferindo ao informador inconsciente ou sem escrupulos a verdade, testimunhada se tanto fosse necessario, que em minha casa, a dois passos dessa Redacção, V. Ex.ª encontraria. Com que direito se lançam assim levianamente a correr mundo pela imprensa informações como aquela de que V. Ex.ª se fez éco envolvendo o meu nome e o duma familia em luto é que eu não sei!

Espero que de futuro, quando V. Ex.ª voltar a dar se ao incomodo de colher informações a respeito do que se passa em minha casa ou comigo proceda com circunspecção e prudencia, afim de se evitarem sensaborias que nem a mim nem a V. Ex.ª podem agradar.

Disse V. Ex.ª no seu jornal «A Patria» de 1 do corrente: *«para que se aproveitou a noite para o transporte do cadaver de casa do sr. dr. João Silva para o cais, deste de novo para aquela em carro com junco etc.?»*

Isto é redondamente falso, e até inverosimil para que houvesse quem fosse capaz de o acreditar.

O que se passou foi o seguinte: O doente falecera no dia 19 ás 7 horas da manhã; ás 3 1|2 da tarde foi registado o seu obito na repartição do registo civil; ás 4 horas da tarde desse mesmo dia 19, em maca requisitada á Misericordia, foi o cadaver, em pleno dia, transportado pelos doridos ao cais da Ribeira, donde seguiu logo em barco para o Bunheiro. Eis os factos. Mas V. Ex.ª continua: *«A Verdade* (que afinal como V. Ex.ª acaba de vêr, é uma mentira) *a Verdade, que só ha pouco soubemos, é que tudo se fez com a aquiessencia do sr. administrador...»*

Não é exacto. O informador de V. Ex.ª andou desastradamente, e sirva-lhe isto de lição.

O sr. administrador do concelho só teve conhecimento dos factos acima referidos no dia 25, por mim que ignorava, lealmente o confesso, todas as formalidades legais a observar em casos desta natureza, como era a intervenção da autoridade e a condução do cadaver em caixão de chumbo, as unicas não cumpridas.

Agradecendo a publicação que repito me é devida. Sou

De v. ex.ª at.º e obg.º

João Baptista Nunes da Silva.»

«S|C do Outeiro Alto, Bunheiro, 9-9-921.

Meu caro Nunes da Silva:

Li o jornal que me mandaste e na verdade vi com surpreza a local que se referia á condução do cadaver do meu cliente Manoel da Graça que foi operado em tua casa e que uma pneumonia levou ao cabo de 15 dias de operado. Causou-me bastante magua, que pessoas que se dizem jornalistas e por isso com obrigação de bem educadas, faltassem á verdade dizendo que o cadaver andava em bolandas num carro de bois com junco.

Para quem conhece os teus sentimentos de homem e medico repele com nojo essa insinuação tão má como injusta e para quem te não conhece, vai junto o depoimento de um sobrinho do falecido que o conduziu de tua casa para o cais. Bastará, pois, este depoimento para quebrar os dentes á calúnia a não ser que a *malicia* queira continuar a desvirtuar o caso.

Se esta carta te fôr necessaria faz dela o uso que entenderes.

Abraça-te o teu amigo certo e colega

João Carlos Faz da Cunha.»

«Eu abaixo assinado, declaro que ajudei a transportar o cadaver do meu falecido tio Manoel da Graça Soares de Souza, da casa do sr. dr. Nunes da Silva para o cais de Ovar numa maca da Casa da Misericordia ás 4 horas da tarde do dia 19 de Agosto, chegando ao anoitecer desse mesmo dia ao Bunheiro; o cadaver veio em barco sendo a maca dispensada e devolvida á Misericordia, do cais.

Bunheiro, 10 de Setembro de 1921.

Alberto Rezende.»

Fabrica de cortumes

A Empreza Fabril e Comercial d'Ovar, L.da, que acaba de fundar-se nesta vila, comunica-nos em sua circular de 7 de Agosto p. p. que estabelecera na rua Fernandes Tomaz, uma fabrica de cortumes.

Mais um empreendimento util e uma nova industria veio assim juntar-se aos muitos que já fazem da nossa terra um centrosinho fabril de certa importancia.

Benvindos sejam todos os que teem vontade do trabalhar. Vida desafogada e muita prosperidade é o que nós apetecemos á activa empreza.

Noticiario

Operação

Na sua residencia, á Travessa dos Campos, foi operado em 1 do corrente, duma hernia e dum hidroveclo, o nosso presado assinante sr. Manoel de Oliveira Caramuje.

Operou o sr. dr. Nunes da Silva, coadjuvado pelos srs. drs. Pereira do Amaral e Alvaro Valente.

A operação correu bem, e o doente está em via de cura, o que muito estimamos.

Falecimento

Na madrugada de segunda-feira ultima, faleceu no logar de Guilhovai, vitimado pela tuberculose, o sr. Manoel Augusto Amaral, filho do sr. Antonio Duarte Pereira do Amaral, irmão do nosso presado correligionario Antonio Duarte Pereira do Amaral Junior, e sobrinho do sr. dr. José Duarte Pereira do Amaral, distinto clinico desta vila.

O enterro e funerais do inditoso mancebo realisaram-se na tarde do dia seguinte com numerosissima concorrencia.

A toda a familia enlutada, e em especial ao pai do extinto, enviamos sinceras condolencias.

Pelo Furadouro

Setembro a correr, Furadouro cheio; está no auge da animação a praia; movimento na beira-mar, movimento nas ruas, movimento na Assembleia... é uma série infinita de movimentos tendendo todos para um movimento geral —o progresso do Furadouro. Se até as traineiras, que de vez em quando permanecem ali á beira das ondas, nos dão a ilusão de termos diante dos olhos uma baía imensa... com 4 poderosos vasos de guerra (sem piada)...

Durante o dia, á beira-mar, sob barracas ou toldes, a nossa *élite* banhista, rapazes e raparigas, rostos tisnados pela maresia, conversam, riem, leem, trabalham... perdão, nem trabalham, nem leem, simplesmente riem e conversam.

E' verdade que meninos e meninas, *la jounesse do rú* como é do bom tom dizer-se, ao encaminharem-se para o areal cada tarde e cada manhã. Sobraçam, numa atitude clássica já entre banhistas, um romance ou um livro de versos; madamas de aspecto grave ou jovens de rosto alegre, uma vez sentadas na areia, composta a atitude, passeado o olhar, distribuido um cumprimento e um sorriso, dão começo á dança fantastica e caprichosa dos bilros, ou ao mergulho intermitente da agulha, mas... o mar é sempre tão belo... aquele navio que passa ao longe, quasi espumado apenas na linha do horisonte, traz-nos sempre ao coração uma saudade tão funda... é tão emocionante, por vezes, a entrada dos barcos no mar... E os bilros param logo esquecidos, as agulhas recáem inertes no regaço, os livros fecham-se, e... e parecendo que se ia ler e trabalhar, afinal nem se trabalha nem se lê.

A' noite na Assembleia é uma verdadeira rodopio-mania; é á segunda, é á terça, é á quarta, é á quinta, é á sexta, é ao sabado, é ao domingo, até á 1 e ás vezes até ás 2 da madrugada, quando não é mesmo de tarde, causando pasmo como há pés delicados de senhora que aguentem semelhante roda viva, e colarinhos de mocinhos que resistam a tantos aguaceiros.

Aos domingos então...

No ultimo domingo teve o salão da Assembleia uma enchente verdadeiramente colossal: para se fazer uma pequena ideia bastará enumerar algumas dentre as muitas pessoas que se comprimiam dentro do salão; e já só falamos no sexo belo.

D. Maria Emilia de Quadros e Almeida, D. Anatilde Duarte Silva, Mademoiselle Adelia Carneiro, D. Rosa Gaioso e filhas Mademoiselles Alice, Ema e Gumercinda, familia Alves Cerqueira, familia Arala e Chaves, familia Sousa Pinho, D. Irene Cunha e Costa e filhas, as meninas Adozinda e Adelaide, Madame Bénard Guedes e filha Mademoiselle Maria Julia, Mademoiselles Amalia e Dulce Dias Simões, Condessa de Fijô e filha D. Maria Joaquina Portal de Aguiar, D. Maria do Céu Osorio, Mademoiselles Mafalda de Castro e Almeida e Maria Liria Maia da Gama, familia Zagalo, familias Marques da Silva e hospedas, Mademoiselle Leite Perry, D. Maria Baptista Abragão, filha e sobrinhas, D. Irene Fidalgo, D. Maria Alexandrina Abragão, familia Pereira Coentro, Madame Arala Pinto, Madame Rodrigues Leite, etc., etc.

—

Estão a banhos na nossa praia o ilustre professor do liceu de Aveiro sr. Agostinho de Sousa, esposa e filhinhos.

Tambem ali se encontra já com sua familia o simpatico Alvaro Araujo, brioso aspirante da nossa marinha de guerra.

—

Nos proximos dias 17, 18 e 19 do corrente deve ter ali lugar a «Festa do Mar», que costuma a ser uma das romarias mais interessantes da nossa beira-mar.

—

Domingo ultimo realisou-se no campo de jogos um desafio de *foot-ball* entre um grupo de rapazes desta vila que ali se encontram e outro grupo do Porto, cabendo a victoria a este por 4 *grats* a 3. O jogo estava muito interessante, atraindo ao local grande quantidade de gente, entre a qual se destacava, como sempre, o elemento feminino.

Hoje parece haverá novo desafio.

—

A pesca tem decorrido muito regularmente, havendo lanços de mais de mil escudos.

Oxalá continue pelo menos assim.

—

Entre a nossa colonia balnear começam a projectarem-se passeios pela ria. Terão assim os nossos hospedes ensejo de gozarem um espectaculo a que por certo não estarão muito habituados.

ANUNCIOS

COLEGIO OVARENSE
OVAR

Reabre no proximo dia 8 de Outubro. Admite alunos internos, semi-internos e externos. Tratamento de primeira ordem. Trabalho e disciplina para haver aproveitamento.

Seu resultado no ano findo foram: **35 aprovações e 52 passagens** de classe. O movimento escolar foi de 120 alunos.

Pedir prospectos á **Direcção.**

CASA

Vende-se uma, **terrea, na rua** da Olaria, **com servidão** para esta rua e para a rua Alexandre Herculano, **com** quintal, poço e mais **pertenças.**

Falar **com Augusto de Oliveira Dias.**

Vende-se

Uma morada de casas na rua Alexandre Herculano n.º 124.

Para vêr e tratar na mesma com João Ferreira Lamarão.

MISERICORDIA DE OVAR

Propostas para o fornecimento de pedra para o novo hospital

Recebem-se na secretaria da Misericordia desta vila, até ás 15 horas do dia 11 de setembro, propostas em carta fechada para o fornecimento de pedra para as obras a executar brevemente na edificação do novo hospital, sendo a base da proposta o preço por metro cubico de pedra quebrada na pedreira ou colocada no terreno junto ao da Misericordia, reservando-se a Meza o direito de rejeição no caso das propostas não convirem.

O PROVEDOR,

Domingos Lopes Fidalgo.

Avença do real d'agua

José da Costa Raimundo, chefe da secção de fiscalisação dos impostos do concelho de Ovar:

Faço saber, que as propostas para avenças relativas ao trimestre de Outubro a Dezembro, deverão ser feitas de 1 a 20 de Setembro corrente, devendo o pagamento ser efectuado até 30 do mesmo mez.

Na falta de cumprimento do exposto, serão levantados autos e feitas apreensões aos infractores.

Ovar, 1 de Setembro de 1921.

José da Costa Raimundo.

Peixoto, Sucessores, L.DA

Comissões e Consignações——Conta Propria

FAZENDAS - MERCEARIA - AZEITES - FERRAGENS - TINTAS
MOBILIAS - TABACOS NACIONAES E ESTRANGEIROS - ETC.

Telegramas: PEIXOTO SUCESSORES — OVAR

OVAR — 66, Rua Elias Garcia, 70

Banco Nacional Ultramarino

AGENCIA EM OVAR

DESCONTOS DE LETRAS.—SAQUES.—VENDA E COMPRA DE PAPEIS DE CREDITO.
PAGAMENTO DE MENSALIDADES.—CONTAS CORRENTES

DEPOSITOS Á ORDEM: Até cincoenta contos — Juro de 4 °/₀ ao ano.—DEPOSITOS A PRAZO: 6 °/₀ ao ano.

CORRESPONDENTES EM TODO O MUNDO

VAGO **VAGO**

VAGO **VAGO**